

# Educomunicação, ética e fake news: O papel da escola no combate a notícias falsas

Naiana Leme Camoleze Silva

Como citar: SILVA, Naiana Leme Camoleze. Educomunicação, ética e fake news: o papel da escola no combate a notícias falsas. *In*: CARVALHO, Alonso Bezerra de (org.). **Educação, ética e decolonialidade**: contribuições para a formação de professores e a prática docente. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2024. p. 207-228. DOI: <https://doi.org/10.36311/2024.978-65-5954-465-3.p207-228>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-No comercial-Sin derivados 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

## Capítulo 10

### Educomunicação, ética e *fake news*: O papel da escola no combate a notícias falsas

Naiana Leme Camoleze Silva<sup>39</sup>

#### Introdução

O presente capítulo tem como propósito debater a Educomunicação pela perspectiva da Ética, promovendo diálogos sobre a importância dos aspectos filosóficos aplicados à educom, visando contribuir com a capacitação do professor-educomunicador, discussão esta preocupada com a promoção de práticas educacionais inclusivas e com responsabilidade ética no combate a notícias falsas, ou "*fake news*".

O objetivo é sugerir análise de conteúdo expresso em publicações jornalísticas com foco no compromisso ético, - que vão desde crônicas, reportagens, matérias especiais, e ainda artigos de opinião e cartas de leitor - em sala de aula, de forma a auxiliar no processo de ensino-aprendizagem, em que o professor-educomunicador possa explorar as possibilidades oferecidas pelas

---

<sup>39</sup> Graduação em Letras (UNESP/Assis) e Jornalismo (FEMA/Assis). Mestre em Educação pela Unesp/Marília. E-mail: nl.camoleze@unesp.br  
<https://doi.org/10.36311/2024.978-65-5954-465-3.p207-228>

áreas de Filosofia, Educação e Comunicação, neste período fértil que atravessamos, que é o pós-pandemia.

O ponto de partida é observar o que circulou de possíveis notícias falsas na pandemia, dos mais diversos tipos e mídias, para discutir através do viés ético em sala de aula, visando minimizar seu impacto na educação e na formação de crianças e jovens no Brasil, em debate ético-moral sobre os riscos de circulação de ideias falsas, sua recepção e repercussão.

A proposta é incentivar o refletir sobre o material midiático referente ao período de transição entre pandemia e pós-pandemia da COVID 19, cujo debate faz-se importante como fonte para discussão em sala de aula do que foi publicado, visando contribuir com o combate ao que é chamado popularmente de "*fake news*", pensando a escola como um espaço privilegiado, de divulgação e preservação da verdade, do respeito e do diálogo, por meio dos pontos de vista cognitivo, científico e de valores éticos e morais. Todo o estímulo a esse percurso investigativo visa firmar a escola como instrumento de grande qualidade ética, consolidando-a, deste modo, como uma ponte entre professor e aluno ao desmascarar o falso jornalismo da contemporaneidade.

Como é sabido, as "*fake news*", ou seja, notícias falsas, publicadas por veículos de comunicação e espalhadas como se fossem informações reais esse tipo de publicação, entre outros aspectos, visa reforçar ou legitimar algum ponto de vista, ou ainda prejudicar alguém ou alguma causa, como vimos vastamente nas mídias no período de pandemia da COVID 19, sendo necessário reforçar que é de suma importância observar sempre os dois ou todos os lados envolvidos para poder esboçar algum tipo de análise.

Como vimos, o "vírus da notícia falsa" se espalhou rapidamente contando com suporte da tecnologia e seu efeito a longo prazo pode ser devastador, pois pudemos observar na pandemia, por exemplo, que essas publicações com conteúdo tendencioso ou falso foram espalhadas dos veículos via redes sociais, ampliando seu destaque na mídia e sociedade, mas que só serviram para reforçar o pânico, até mesmo gerando violência.

Por isso, diante do cenário atual de pós-pandemia, o meio acadêmico pode contribuir de forma significativa não somente com a investigação das lacunas na área, como fonte de pesquisa, revisitando publicações do gênero, sob o prisma dos olhares de teóricos da Educomunicação e da Ética, mas fortalecer esse debate que se faz tão necessário neste momento, principalmente no ambiente escolar.

Aqui, pelo curto espaço, propomos a busca por novas estratégias de ensino que contemplem o tema, portanto, não tencionamos sistematizar esse material, mas ressaltar a relevância do assunto, o colocando como uma boa alternativa a ser trabalhada em sala de aula. Motivo este que justifica o incentivo ao aprofundamento deste debate sobre a importância do estudo nas teorias que definem os conceitos das áreas da Ética e da Educomunicação, bem como sobre os gêneros jornalísticos, para que, ao final, o interessado, sendo professor ou aluno, possa discernir sobre o que é verdadeiro e o que é falso em uma publicação e, a partir de então, debater seu conteúdo.

É em virtude desse pensamento e com esse intuito que esse artigo se propõe a estimular a análise de publicações de grandes veículos neste período já citado, propondo que os professores-educomunicadores possam em suas disciplinas organizar esse levantamento de notícias do período citado, material que pode passar por consulta ao que está disposto em acervos digitais de grandes

veículos de comunicação, resultando em uma possível catalogação de um montante midiático para uso em sala de aula, para discussão sobre *fake news*, com publicações, por exemplo, feitas no ano de 2020, selecionando temas dos mais variados.

Desta forma, o que nos propomos é suscitar teorias na área que possam sustentar o assunto e subsidiar esse professor, pois interessa-nos, nesse artigo, os eixos ético e educomunicacional, base para o debate proposto.

E observando que é fundamental sabermos diferenciar o que é o real em uma notícia, por exemplo, podemos tomar como base inicial a obra *A arte poética*, em que Aristóteles (2005, p. 86), trata sobre como se deve apresentar o que é falso, teor de extrema importância para podermos adentrar ao tema.

Eis como os homens pensam: quando uma coisa é, e outra coisa também é, ou, produzindo-se tal fato, tal outro igualmente se produz, se o segundo é real, o primeiro também o é ou se torna real. Ora, isso é falso. Pelo que, se o antecedente é falso, mas se tal coisa deve existir ou produzir-se, no caso em que o antecedente fosse verdadeiro, estabelece-se uma ligação entre ambos. (Aristóteles, 2005, p.87).

Paulo Freire (1996), quando explora os saberes necessários à prática educativa, em sua obra *"Pedagogia da Autonomia"*, refere-se ao ensinar como prática que exige, entre outros fatores, o respeito aos saberes dos educandos, aceitação do novo e rejeição à discriminação, reflexão crítica sobre a prática, reconhecimento da identidade cultural, e o que nos interessa, ética.

Para ele, ensinar não é transferir conhecimento, mas ter a consciência do inacabamento, exigindo respeito pela autonomia do

educando, com comprometimento, entendendo que educação é uma forma de intervenção social.

A necessária promoção da ingenuidade à criticidade não pode ou não deve ser feita a distância de uma rigorosa formação ética ao lado da estética. [...] seres histórico-sociais, nos tornamos capazes de comparar, valorar, de intervir, de escolher, de decidir, de romper, por tudo isso nos fizemos seres éticos. Só somos porque estamos sendo. Estar sendo é a condição, entre nós, para ser. Não é possível pensar os seres humanos longe, sequer da ética, quanto mais fora dela. (Freire, 1996, p. 32-33).

Ainda de acordo com Freire, estar longe ou fora da ética seria uma transgressão, pois, "transformar a experiência educativa em puro treinamento técnico é amesquinhar o que há de fundamentalmente humano no exercício educativo: o seu caráter formador".

Uma vez que, segundo ele, ao respeitar a natureza humana, o ensino dos conteúdos não poderia estar alheio à formação moral do educando, já que acredita que "educar é substantivamente formar".

Eco (1971) sugere em sua obra *A estrutura ausente: introdução à pesquisa semiológica*, que: "Um estímulo é um complexo de acontecimentos sensórios que provocam determinada resposta. A resposta pode ser imediata ou pode ser mediata - de compreensão ou interpretação com base em um código de experiências passadas, como signo comunicante".

Sendo assim, o aluno poderá entrelaçar um diálogo entre o que pode ser real, bem como o que pode ser falso, apresentado no jornal, por meio de suas vivências ou experiências cotidianas.

Na obra *Linguagem total: uma pedagogia dos meios de comunicação*, Gutierrez (1978) explora a teoria da aprendizagem

relacionada ao processo de comunicação, tanto nas teorias da aprendizagem que se baseiam na relação estímulo-resposta, como as que têm uma formação estrutural, pressupondo que exista:

A necessidade da resposta do sujeito perceptor para verificar a eficiência da informação [...] é imprescindível que o perceptor, além de perceber, interprete o estímulo. Isto é, em termos de comunicação, o perceptor deve decodificar o estímulo. O sujeito não somente apreende a informação mas quando consegue se estruturar essa informação na bagagem de conhecimentos anteriores aos efeitos de usá-las quando apresentem novas situações [...] esta nova estruturação do receptor somente é comprovada na prática. (Gutierrez, 1978, p. 37-38).

Sobre essa questão de explorar com o aluno os parâmetros entre a proposta de combate ao falso informativo, Freire (1996) trabalha a esfera do que considera uma das tarefas mais importantes da prática educativo-crítica, que é:

Propiciar as condições em que os educandos em suas relações uns com os outros e todos com o professor (a) ensaiam a experiência profunda de assumir-se. Assumir-se como ser social e histórico, como ser pensante, comunicante, transformador, criador realizador de sonhos. (Freire, 1996, p. 41).

Walty (1986), no livro *O que é ficção*, considera que não é possível tratar do real de forma estática, mas via processo em rotação, que se desloca entre tempo e espaço:

Não se pode, pois, falar de um real estático, pronto, pré-construído. O real é fruto de um processo de relações do homem com os outros homens e com a natureza [...] O indivíduo capta

o mundo de acordo com seus referenciais [...] Acontecimentos tão engraçados mas tão corriqueiros podem nos deslocar no tempo e no espaço. (Walty, 1986, p. 19; 24).

A contribuição da junção híbrida da Educação e da Comunicação, atualmente definida pela vertente intitulada Educomunicação, segundo Soares (2011), resulta em uma importante interface para o exercício do senso crítico sobre os meios de comunicação.

Os olhares dos campos secularmente estabelecidos da educação e da comunicação se entrecruzam com certa frequência. Ainda que se entendam, ambos, como fenômenos distintos, a interconexão entre eles é requerida pelas próprias exigências da vida em sociedade. No confronto ou na cooperação, constroem, um ante o outro, juízos de valor e indicadores de avaliação, permitindo que cada qual se distinga e afirme socialmente. (Soares, 2011, p. 17).

Reforçando o papel fundamental da escola nesse processo de desenvolvimento do pensamento crítico do aluno, Penteado (1998) explora no livro *Pedagogia da Comunicação: teorias e práticas*, um estudo sobre:

Algumas instituições escolares, conscientes das contradições presentes na sociedade e, conseqüentemente na escola, têm incorporado em seu contexto meios de comunicação, entendidos como recursos facilitadores do trabalho docente [...] não é uma pedagogia sobre os meios de comunicação. É uma pedagogia que estabelece comunicação escolar com os conhecimentos, com os sujeitos, considerando os meios de comunicação. Dialoga-se com os meios e suas linguagens. (Penteado, 1998, p. 25; 29).



No mesmo âmbito, Belloni (2005, p.33) aponta na obra *O que é mídia educação*, que: "A escola e a mídia desempenham o papel de guardiãs e difusoras de uma espécie de síntese dos valores hegemônicos que formam o consenso indispensável à vida social".

Explorando a interface Educação e Comunicação, mais especificamente sobre a possibilidade de trabalhar com materiais jornalísticos em sala de aula, vários autores abordam o tema, levando em conta a complexidade e a urgente necessidade de se compreender os veículos para poder identificar possíveis manipulações da realidade. No livro *Ficção, Comunicação e Mídias*, Costa (2002) afirma que:

A comunicação é uma ponte que integra subjetividades através de ferramentas de linguagem; os discursos construídos pela linguagem referem-se ao mundo real traduzido pelas individualidades que o experimentam, mas transformam-se uma vez expressos, em modelos que orientam futuras percepções do real; a comunicação transforma-se, assim, em um veículo que liga interioridade e exterioridade; a ficção não se opõe à realidade dos fatos nem a sua objetividade, apenas a apresenta a partir da subjetividade que a vivencia. (Costa, 2002, p. 12).

Sobre a vertente Educomunicação, Soares (1999) em *Comunicação-Educação: A Emergência de um Novo Campo e o Perfil de seus Profissionais*, trata sobre a inter-relação entre a Comunicação Social e a Educação, explorando questões referentes à cultura de massa, demonstrando que o uso do próprio termo "massa" demonstra submissão presumida dos usuários em relação aos veículos e suas mensagens, explorando ainda questões como manipulação dos veículos de comunicação, abrindo debate para a tendência de aproximação entre Comunicação e Educação, através da

Educomunicação, e seus amplos espaços educativos, citando ainda as propostas de Martin Barbero, que a partir da Comunicação, questiona: O que faz a cultura de massa com a pessoa?; e a partir da Educação: Que fazem as pessoas com as expressões da cultura de massa?

E Gutierrez (1978, p. 23) reforça esse contexto, observando que “se os meios de comunicação social tiveram e continuam tendo, uma grande repercussão sobre o homem e a sociedade, é agora que também repercutem sobre a escola”.

Nesse ponto, é possível estimular o uso de material midiático em sala de aula, em suas mais diversas funções e desdobramentos, incentivando desde a produção de textos, passando por análises de recortes de notícias jornalísticas; abrindo ainda um vasto campo de estudo, podendo promover inclusive amplo debate na escola sobre os veículos de comunicação.

De acordo com Bosi (1996, p.49): “A chave dos significados não está, pois, nos meios de comunicação, mas na estrutura da sociedade que criou esses meios e que os tornou significantes. É a sociedade que significa”. Na obra, Bosi (1996) dá continuidade a esse pensamento, afirmando que:

A comunicação de ideias e sentimentos não se faz em abstrato. Nem, por outro lado, existe um público receptor, um grupo emissor ou um canal transmissor em si mesmos. Os vários fatores da comunicação operam interligados, compõem a estrutura de um sistema. O sistema é a indústria cultural. Indústria enquanto complexo de produção de bens. Cultural, quanto ao tipo desses bens. (Bosi, 1996, p. 50).

Complementando esse pensamento, Gutierrez (1978) acredita que a cultura de massa é, portanto, um fato social:

Os meios de Comunicação Social estão favorecendo, cada vez mais, uma maior participação cultural [...] Esta universalização está provocando uma nivelção entre os gostos culturais. Todas as camadas recebem os mesmos produtos culturais [...] e esse fenômeno de cultura cada dia mais acessível está despertando, nas massas populares, um grande apetite de cultura [...] novas técnicas são, na realidade, uma transformação de uma realidade que se apresenta num espaço, num tempo e num movimento. (Gutierrez, 1978, p. 11).

Faria e Zanchetta (2005) observam na obra, *Para ler e fazer o jornal em sala de aula*, que a neutralidade da informação é importante, mas que o jornais de grande circulação, por conta da abrangência de seus veículos e alcance de público, acabam se posicionando, por exemplo, no que se refere à política.

Esse fator interessa a esta discussão, pois ao se posicionarem, os veículos acabam por abrir mão da imparcialidade, ou seja, valor ético primordial conferido ao jornalismo, e revelam suas opiniões, o que nem sempre significa ser o fato em seu sentido verdadeiro.

De maneira geral, os jornais pregam o compromisso com a "neutralidade" da informação e se utilizam de expedientes lingüísticos para tanto [...] o exercício de comparação entre jornais equivalentes pode ser muito proveitoso para mostrar que a linguagem também pode sustentar opiniões claras mesmo revestindo as palavras de uma pretensa "neutralidade". (Faria e Zanchetta, 2005, p. 17).

Sendo assim, os autores propõem que o jornal, sendo um dos principais veículos de comunicação, pode trazer à escola subsídios enriquecedores ao aprendizado em sala de aula, o que justifica a proposta deste artigo, pois ao aprender a analisar os materiais jornalísticos pelo viés ético-moral, o professor-educomunicador estará além de ensinando, reforçando sua relação com o aluno, que será capaz explorar seu senso crítico e sua percepção midiática, e a escola estará promovendo a cidadania no combate à *fake news*.

Portanto, este artigo - intitulado Educomunicação, Ética e Fake News: O papel da escola no combate a notícias falsas - visa fomentar o levantamento de informações, através de publicações feitas na mídia no período que compreende entre pandemia e pós-pandemia da COVID 19, que possam reforçar a ideia de que debater a Educomunicação pela perspectiva da Ética pode promover importantes diálogos sobre o papel da escola no combate a notícias falsas.

Mais especificamente, pretende contribuir com o aprofundamento dos estudos nas áreas da Educomunicação e da Ética, como forma de subsidiar o professor-educomunicador em sua formação, com a preocupação de promover práticas comunicativas com responsabilidade ética. Sendo assim, ao estimular a análise de conteúdo expresso em publicações jornalísticas, sobretudo, do que circulou de notícias falsas, prevê auxiliar na compreensão de seu impacto na educação e na formação de crianças e jovens nesse período de pós-pandemia.

Mas para que a análise possa ser feita, antes, faz-se necessário conhecer um pouco mais da área jornalística, como por exemplo, quais as funções dos gêneros jornalísticos, cuja primazia deve ser sempre informar de forma ética.

Entre os gêneros, destacaremos a crônica, em que Coutinho (1997) classifica da seguinte forma: *crônica narrativa*, cujo eixo é uma estória ou episódio, aproximada ao conto; *crônica metafísica*, constituída de reflexões filosóficas ou meditações sobre os acontecimentos ou sobre os homens; *crônica poema-em-prosa*, de conteúdo lírico, extravasando a alma do artista ante o espetáculo da vida, das paisagens ou episódios para ele carregados de significado; *crônica-comentário* dos acontecimentos, um acúmulo de temas diversos; e a *crônica-informação*, mais próxima do sentido etimológico, divulgando fatos e tecendo sobre eles comentários ligeiros.

Além disso, Coutinho (1997) ainda dá outras definições referentes ao uso da crônica, problematizando, como por exemplo, a associação entre a crônica e a reportagem, destacando que a crônica que não seja noticiosa, é uma reportagem disfarçada ou antes uma reportagem subjetiva e às vezes lírica, na qual o fato é visto por um prisma transfigurador, pois se para o repórter, o fato é geralmente um fim, para o cronista é pretexto para divagação, comentários.

A crônica deve empregar a linguagem da atualidade, sem essa prática, deixa de refletir o espírito de sua época, expressão social, de determinada sociedade, em seu tempo. O estilo do cronista deve tender à fórmula simples, aderindo ao tom comunicativo de conversa, traçando um diálogo entre o cronista e o leitor, sempre em contato com a realidade da vida cotidiana.

Candido (1987), aponta uma perspectiva sobre a crônica acrescentando que esta não nasceu propriamente com o jornal, mas só quando este se tornou quotidiano, de tiragem relativamente grande e teor acessível. Segundo ele, antes de ser crônica propriamente dita

foi "folhetim", ou seja, um artigo de rodapé sobre as questões do dia, - políticas, sociais, artísticas, literárias:

Ora, a crônica está sempre ajudando a estabelecer ou restabelecer a dimensão das coisas e das pessoas. Em lugar de oferecer um cenário excelso, numa revoada de adjetivos e períodos candentes, pega o miúdo e mostra nele uma grandeza, uma beleza ou uma singularidade insuspeitadas. Ela é amiga da verdade e da poesia, em suas formas mais diretas e também nas suas formas mais fantásticas, - sobretudo porque quase sempre utiliza o humor. [...] Ao longo deste percurso, foi largando cada vez mais a intenção de informar e comentar (deixada a outros tipos de jornalismo), para ficar sobretudo com a de divertir. a linguagem se tornou mais leve, mais descompromissada e (fato decisivo) se afastou da lógica argumentativa ou da crítica política, para penetrar poesia a dentro. Creio que a fórmula moderna, onde entra um fato miúdo e um toque humorístico, com seu *quantum satis* de poesia, representa o amadurecimento e o encontro mais puro da crônica consigo mesma. (Candido, 1987, p. 5-6).

O teórico observa ainda que, na crônica parece não caber a sintaxe rebuscada, com inversões frequentes, nem vocabulário opulento, o que de certa forma identificaria a superioridade intelectual e literária com grandiloquência e requinte gramatical. E observa ainda que a crônica atingiu níveis de simplificação e naturalidade e que seu grande prestígio é o processo de busca pela oralidade na escrita, uma forma de humanização.

Por ser um gênero que comunga com o efêmero, a crônica é produzida justamente para servir à brevidade, como aponta:

Porque (a crônica) não tem a pretensões de durar, uma vez que é filha do jornal e da era da máquina, onde tudo acaba tão

depressa. Ela não foi feita originalmente para o livro, mas para essa publicação efêmera que se compra num dia e no dia seguinte é usada para embrulhar um par de sapatos ou forrar o chão da cozinha. Por se abrigar neste veículo transitório, o seu intuito não é o dos escritores que pensam em "ficar", isto é, permanecer na lembrança e na admiração da posteridade; e a sua perspectiva não é a dos que escrevem do alto da montanha, mas do simples rés-do-chão. (Candido, 1987, p. 6).

E mesmo com tom despreocupado, a crônica, segundo Candido (1987), entra fundo no significado dos atos e sentimentos do homem, podendo levar longe a crítica social, em que a impressão do leitor é de divertida simplicidade, que se esgota em si mesma, mas por trás está todo o drama da sociedade.

Arrigucci (1987) considera que a crônica é uma produção despreziosa, próxima da conversa e da vida de todo o dia. Ele explica que são vários os significados da palavra crônica. Todos, porém, implicam a noção de tempo, presente no próprio termo, que procede do grego, *chronos*. Ele acredita que um leitor atual pode não se dar conta desse vínculo de origem, que faz dela uma forma do tempo e da memória, um meio de representação temporal dos eventos passados, um registro da vida escoada. "Mas a crônica sempre tece a continuidade do gesto humano na tela do tempo" (1987, p. 51).

E destaca que lembrar e escrever são tarefas em permanente relação com o tempo, em que a memória escrita faz de sua matéria principal o que foi vivido, uma definição que ele aproxima e aplica ao discurso da História, fazendo menção de que a princípio ela foi crônica histórica, uma narração de fatos históricos segundo uma ordem cronológica. Para ele, o gênero supõe à sociedade a importância da experiência progressiva do tempo, em que o passado

possa se conectar com a História, presa ao calendário dos feitos humanos.

A crônica pode construir o testemunho de uma vida, o documento de toda uma época ou o meio de se inscrever a História no texto. Além disso, ao distanciar-se no passado, pode se transformar em fonte de imaginação: gestas românticas e outras formas literárias. (Arrigucci, 1987, p. 52).

Para Arrigucci (1987, p. 55), “a crônica se situa bem perto do chão, no cotidiano da cidade moderna, e escolhe a linguagem simples e comunicativa, o tom de bate-papo entre amigos, para tratar das pequenas coisas que formam a vida diária”.

Desta forma, conhecendo um pouco mais sobre os gêneros jornalísticos, sobretudo, com destaque a um deles, no caso a eleita aqui foi a crônica, é importante lembrar que mesmo um gênero mais desprezioso como é o caso do que vimos sobre a crônica, é basilar que sua construção tenha amparo na responsabilidade ética.

E uma estratégia para uma boa análise é ancorar sua percepção aliando a Educomunicação à Ética, salientando que, em regra, toda investigação, todo projeto, de certa forma objetiva direcionar suas ações à promoção de um bem, pois a ética reflete sobre o agir humano, sobretudo, a partir dos fins, ou seja, dos bens que pode alcançar, desta forma, toda ação deve estar voltada à essa finalidade, que é a busca por um estado de realização, de plenitude, no entanto com responsabilidade.

Se, portanto, uma *finalidade* de nossas ações for tal que a desejamos por si mesma ao passo que desejamos as outras somente em virtude dessa, e se não elegemos tudo por alguma coisa mais [...] está claro que se impõe ser esta o bem e o bem



mais excelente. E não será o conhecimento dele muito importante do ponto de vista prático para a vida? Não nos tornará ele melhor capacitados para atingir o que devemos, como arqueiros que têm um alvo no qual mirar? Se assim for, temos que tentar definir, ao menos em um delineamento, o que é esse bem mais excelente [...] (Aristóteles, 2014, p. 46).

Então, a ética pode ser vista sob o prisma de interventora das análises organizadas sobre a mídia, tendo como finalidade a promoção de um bem comum, sobretudo, se pensarmos na sala de aula. E se considerarmos, como aposta Pinheiro (2022), as virtudes como forças que vão nortear os valores morais direcionando ao bem, individual e comum, devemos, antes de mais nada, ter em mente que a ética tem uma dimensão política, que racionalmente normatiza através de leis e concepções morais da justiça a conduta social.

E, ainda, se considerarmos que as ações éticas constituem o caráter do agente, segundo este autor, as ações técnicas serão produtivas, ou seja, com interesse no que seria a produção de objetos exteriores, desta forma, então, ao observar a expressão filosófica de conhecimento geral cunhada por Aristóteles, de que o homem é um animal político, observamos que a ética está relacionada à política, ao pensarmos que somos naturalmente políticos, dotados de razão, sendo o homem capaz de promover a colaboração social, aplicando as quatro virtudes humanas no cotidiano.

E ao aplicar as virtudes humanas no cotidiano, podemos refletir na finalidade de nossas ações, ou seja, os fins a que nos propormos engajar politicamente em algum projeto, a intencionalidade com que colocamos força em nosso agir no mundo, além de observarmos as dimensões utilitárias e contemplativas, aqui no caso ao analisar a mídia e sua falta de compromisso com a verdade,

devemos voltar nosso olhar também sobre o questionamento de que forma o professor pode por meio da análise da mídia em sala de aula alavancar valores como responsabilidade, diálogo, respeito, na condução de suas intervenções educacionais.

Por isso precisamos que esse professor tenha condições de preparar seus alunos para serem capazes de analisar uma produção midiática, ou para produzir um produto midiático, com domínio de algumas esferas técnicas, conhecimento da linguagem e ações voltadas à prática.

Para além disso, a ética serve para ampliar a visão de mundo do professor, posteriormente, do aluno, e deve-se proporcionar o entrelaçamento entre a teoria, a observação, a vontade de agir no mundo e a prática social.

*Cada indivíduo julga corretamente o que conhece, sendo disso um bom juiz. Para que possa, portanto, julgar um assunto particular, é preciso que o indivíduo tenha sido educado nesse sentido; para ser um bom juiz, em geral, é necessário que tenha recebido uma educação completa. Sendo assim, o jovem não está apto para o aprendizado da política, porque carece de experiência de vida, que é o que supre o objeto de estudo e as teorias; além do que ele é conduzido por suas paixões, de modo que seu estudo será sem um propósito ou proveito porquanto a finalidade nesse caso é a ação e não o conhecimento. E não importa se é jovem na idade ou é uma questão de imaturidade. A lacuna não tem cunho cronológico; o problema é que sua vida e as várias metas desta são norteadas pela paixão, pois para tais indivíduos o conhecimento, como para aqueles destituídos de autocontrole, é inútil. (Aristóteles, 2014, p. 48).*

E com esse pensamento de como a ética pode ser utilizada como mediadora de teorias e práticas educacionais, sobretudo,

na sala de aula, podemos observar o campo da Filosofia, através de reflexões sobre o questões fundamentais referentes ao ser humano e sua busca por viver bem.

Para visualizar com mais clareza essa inter-relação entre Ética e Educomunicação podemos ver que Luckesi (1994) apresenta importantes apontamentos, com elucidações conceituais e articulações:

Quando lemos um texto de Filosofia, nos apropriamos do entendimento que o seu autor teve do mundo que o cerca, especialmente dos valores que dão sentido a esse mundo. Valores esses que, por vezes, são aspirações que deverão ser buscadas e realizadas, se possível. O filósofo sistematiza, assim, as aspirações dos seres humanos, aspirações essas que dão sentido ao dia a dia, à luta, ao trabalho, à ação. Ninguém vive o dia a dia sem um sentido; para o seu trabalho, para a sua relação com as pessoas, para o amor, para a amizade, para a ciência, para a educação, para a política etc. (Luckesi, 1995, p. 22.).

Ao traçar essa linha de conexão, é evidente que essa aproximação das áreas visa buscar entendimento nos apontamentos éticos, de forma que possam ser promovidas ações que alavanquem valores, em especial no ambiente escolar, e através do combate às *fake news* possa contribuir, inclusive, no combate à violência e, assim, auxiliar ainda no fortalecimento da promoção de ações voltadas à cidadania.

Desta forma, ao propor intervenções e práticas educacionais no ambiente escolar, como faz este artigo, conclui-se pensando na escola como um lugar propício para a discussão sobre as possíveis formas de tratar do tema do combate a notícias falsas, tendo a Educomunicação e a Ética como ferramentas de alcance dessa

ampliação de visão de mundo e, além disso, estamos também reforçando sua importância enquanto instituição educacional na disseminação da verdade, de valores morais, de se pensar com jornalismo com base na responsabilidade ética e, ainda, na promoção do diálogo entre professor e aluno e do respeito ao próximo nesse período de pós-pandemia.

## **Referências**

ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. Tradução, textos adicionais e notas de Edson Bini. 4ª ed. - São Paulo: Edipro, 2014.

ARISTÓTELES. **Arte Poética**. Tradução de Pietro Nasseti. São Paulo: Editora Martin Claret, 2005.

ARRIGUCCI JR., Davi. **Fragmentos sobre a crônica**. In: Enigma e comentário: ensaios sobre literatura e experiência. São Paulo: Cia. das Letras, 1987.

BELLONI, Maria Luiza. **O que é Mídia-Educação**. 2ª ed. Campinas, São Paulo: Editora Autores Associados, 2005. - (Coleção Polêmicas do nosso tempo; 78).

BOSI, Ecléa. **Cultura de Massa e Cultura Popular**. 9ª ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1996. - (Coleção Meios de Comunicação Social nº 6).

CANDIDO, Antonio. **A vida ao rés-do-chão**. In: ANDRADE, Carlos Drummond de et al. Para gostar de ler. 5. ed. São Paulo: Ática, 1987.

COSTA, Maria Cristin Castilho. **Ficção, Comunicação e Mídias**. São Paulo. Editora SENAC, 2002. - (Série Ponto Futuro; 12).

COUTINHO, Afrânio. **Ensaio e crônica**. In: COUTINHO, Afrânio (dir.), COUTINHO, Eduardo de Faria (co-dir.). *A literatura no Brasil*. 4. ed. rev. e at. São Paulo: Global, 1997.

ECO, Umberto. **A estrutura ausente**: introdução à pesquisa semiológica. Tradução de Pérola de Carvalho. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, Editora Perspectiva, 1971.

FARIA, Maria Alice; ZANCHETTA, Juvenal Jr. **Para ler e fazer o jornal na sala de aula**. 2. ed. - São Paulo: Contexto, 2005.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessário à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996. - (Coleção Leitura).

GUTIERREZ, Francisco. **Linguagem total: uma pedagogia dos meios de comunicação**. São Paulo: Summus, 1978.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Filosofia da Educação**. São Paulo: Cortez, 1994.

PENTEADO, Heloísa Dupas. **Pedagogia da Comunicação**: teorias e práticas. São Paulo: Cortez, 1998.

SOARES, Ismar. *Comunicação-Educação: a emergência de um novo campo e o perfil de seus profissionais*. Brasília: **Contato**, ano 1, n.2, jan/mar. 1999.

SOARES, Ismar. **Educomunicação: o conceito, o profissional, a aplicação**. São Paulo: Paulinas, 2011. - (Coleção Educomunicação).

WALTY, Ivete Lara Camargos. **O que é ficção**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1986.

